

Empresários prevêem ano novo difícil

Acordo com FMI deve impedir volta do crescimento e inflação não cairá tanto quanto quer o governo

GLEISE DE CASTRO

EEmpresários da indústria, comércio e setor financeiro prevêem um ano de grandes dificuldades para a economia brasileira em 1992. Suas expectativas são de que não haverá crescimento do Produto Interno Bruto (PIB), como consequência do duro programa econômico previsto no acordo a ser firmado com o Fundo Monetário Internacional (FMI). A inflação, segundo a expectativa de duas dezenas de empresários ouvidos pelo Estado, deve continuar alta, embora numa faixa menor do que a deste ano. As previsões vão de 250% a 450%. O saldo comercial (exportações menos importações), prevêem, também não deve aumentar, repetindo o resultado previsto para este ano, entre US\$ 10 bilhões e US\$ 12 bilhões.

A maioria deles espera que a inflação se mantenha na casa dos 25% ao mês nos primeiros três a quatro meses de 1992, e decline lentamente depois disso, chegando em dezembro com cerca de 10%. Essa taxa está muito acima dos 2% previstos pelo ministro da Economia, Marcílio Marques Moreira, na carta de intenção ao FMI. "A inflação deve cair, mas a um custo social muito grande, e ainda assim continuar maior do que nós e o próprio governo gostaríamos que fosse", diz Roberto Nicolau Jeha, 2º secretário da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp). Para o empresário, 1992 será um ano em que o grande objetivo das empresas será o de sobreviver. "Quem conseguir isso, já terá conseguido muito", afirma.

Para Antônio Salgado Peres Filho, diretor jurídico e de assuntos institucionais da Nestlé, 1992 será um ano ainda bastante difícil, com um primeiro semestre muito recessivo, e uma possível melhora no segundo. "O que nos levaria a um crescimento zero, ou

As previsões para 1992				
	Inflação (%)	PIB (%)	Saldo comercial (US\$ bilhões)	Crescimento (vendas) da própria empresa em relação a 1991 (%)
Fernando Lima (Rhodia)	250	2	10 a 12	zero
Horácio Lafer Piva (Fiesp/Kitab)	450	1	10 a 12	25
Antônio Salgado Peres Filho (Nestlé)	abaixo de 300	zero	10 a 12	zero
René Aduan (Banco Real)	300	1 a 2	11 a 12	zero
Helio Sacchi (Heljós)	—	zero	10 a 12	zero
Roberto Nicolau Jeha (Fiesp/São Roberto)	—	1 a 2	12 a 13	5 a 6
Abram Szajman (Fed. Comércio SP)	200 a 250	zero a 1	9 a 10	—
Danilo Palma (Brahma)	548	zero	11 a 13	5 a 7
Antônio Carlos Vidigal (Coca-Cola)	—	zero	—	zero
Paulo Butoni (Abila)	—	1,5 a 2	—	—
Celso Hahne (Abiplast)	—	zero	—	—
No Hering (Hering)	—	zero	10 a 11	—
Leônida Bernardon (Control S/A)	28%/mês	zero	—	- 10%
Ricardo Kanadani (Samarco)	220	zero	9	zero
Stefan Salej (Tecnowatt)	600	zero	8	zero
Eduardo Noronha (Prima Linea)	—	zero	9 a 10	zero



muito próximo disso", prevê. A economia só deve voltar a crescer, segundo ele, a partir de 1993. O ex-secretário da Receita Federal, Guilherme Quintanilha de Almeida, diretor da Spagflex, também não espera recuperação do PIB em 1992. Para ele, qualquer efeito da política econômica atual só será sentido em 1993.

"Estamos trabalhando com um cenário ainda relativamente complicado para o ano que vem, especialmente durante os primeiros quatro meses, em que o combate à inflação deverá provocar uma forte dose de recessão", afirma Carlos Fernando Alves Lima, diretor responsável pela divisão química da Rhodia. A partir de maio, segundo ele, poderá haver uma certa recuperação. "Mas ainda continuaremos

com taxas de inflação nada confortáveis", prevê.

René Aduan, diretor financeiro do Banco Real, também acredita que a inflação deve continuar alta entre janeiro e abril, na faixa de 20%, caindo para uma média de 9% nos oito meses restantes. "Depois de maio a economia poderá apresentar um princípio de recuperação", afirma. Mas isso se, durante os primeiros quatro meses, o governo conseguir aumentar a arrecadação, por meio do pacote tributário e atualização de tarifas públicas, acertar um acordo com o FMI, e o País obter uma boa safra agrícola.

"A inflação começa forte mas deve ir baixando aos poucos, com chances de chegar a 10% em dezembro", diz Horácio Lafer Piva, diretor do departamen-

to de estatísticas da Fiesp. "Depois desse período muito duro, poderemos ter um certo desafogo, mas não sei a que custo", afirma.

O comércio deverá amargar um ano possivelmente pior do que 1990, conforme as projeções de Abram Szajman, presidente da Federação do Comércio do Estado de São Paulo. "Com o aprofundamento da recessão, o comércio deverá enfrentar um mercado mais estreito do que neste ano", afirma. Segundo ele, as empresas do setor terão de passar por um ajuste muito grande: as de grande porte ficarão menores e muitas pequenas devem desaparecer.

■ Colaborou Isabel Dias de Aguiar

■ Mais informações nas páginas 3 e 4